

Michael Jackson e Mamonas

15 FEV 1996

José Sarney

CORREIO BRAZILIENSE

O Rio é sempre uma fascinação. O diabo é que os homens estão cansados das belezas naturais, da obra de Deus, e estão mais interessados na obra do próprio homem, isto é, as mazelas que eles mesmos construíram violentando a natureza e criando injustiças de toda ordem. O Rio está sendo vítima desse enfoque. Não são as suas montanhas misturadas ao mar, as praias que contornam a cidade numa linha branca e brilhante de areia, nem o entrecortado das baías nem o conjunto de uma paisagem que é uma das mais belas da Terra. Pesam mais, no interesse da máquina do mundo, as favelas, a paisagem da miséria, onde campeia a violência com as suas faces atuais da droga, da prostituição infantil e dos pobres entre os mais pobres.

Por isso Michael Jackson veio aqui. E devemos agradecer a homenagem. Ele podia ir ao Harlem, ali mesmo em Nova York, onde encontraria o mesmo cenário que veio buscar no Rio, com a agravante do contraste maior com a riqueza mais requintada do mundo, a Madison, a 5ª Avenida, a Park Avenue. Ou poderia captar a pior das degradações a que o homem chegou, filmando os bêbados e mendigos da Bowery Street, que foi tão bem retratada por escritores americanos como Sinclair Lewis e John dos Passos. Mas veio aqui.

A verdade é que o Brasil é um país de eventos. A nossa vida não é governada pelos meses, mas pelas festas. A do fim do ano, de Iemanjá, a lavagem do Senhor do Bonfim, o carnaval, as escolas de samba, o São João, os campeonatos, e tudo que se pode comemorar com alegria umas e outras. Essa, sem dúvida, é uma das caras boas do Brasil. Agora mesmo, para encher o vazio desses entredias e entrefestas, está se inovando com as micaretas, carnavais fora de hora, que acontecem pelo país inteiro. De minha terra recebi convite para o *Picarnaval*, realizado em janeiro, em Pinheiro, Maranhão.

O período mais difícil é esse que vai do Natal e fim de ano até o esquentar dos tamborins dos ensaios das escolas.

Não tem nada, é um marasmo muito grande. Foi nesse vácuo que entrou o Michael Jackson, que chegou causando a maior das polêmicas, que envolveu todos os poderes nacionais, visto que sobre ele e seu clipe tiveram de entrar o governador Marcello Alencar e seu secretário Ronaldo César Coelho, o Judiciário a decidir, por provocação do Pitanga, se ele podia ou não podia filmar e o Legislativo nas moções pró e contra. Certa vez, num período desses, em que nada havia de novo, o que não é o caso do presente, onde muitas coisas boas estão acontecendo, Osvaldo Aranha, com sarcasmo, cunhou a famosa frase “nesse vazio de homens e de idéias veio Mosso-ró (um cavalo fenômeno) de Pernambuco e ganhou o Grande Prêmio Brasil”, a festa mais chique daquela época, realizada no Jockey Club.

Mas a verdade mesmo é que a motivação de tamanha confusão foi determinada pela sensibilidade do famoso cantor pela pobreza e, principalmente, pelos pobres do Brasil. Por isso mesmo ele arriscou-se contra os “vapores pestilentos” destes trópicos, como se dizia no tempo em que o prefeito Guimarães Passos abriu a avenida Rio Branco, protegeu-se com a máscara negra e em sua fragilidade trouxe duas crianças para mostrar a todos nós que as crianças existem. Mais feliz foi a Bahia, onde o Mega Star (!) arrancou a focinheira, como se diz no Nordeste, caiu no ritmo do Olodum e soltou-se nas ladeiras do Pelourinho. A parte mais dura do episódio ficou mesmo com o diretor Spike Lee, que não teve meias palavras e falou que a polícia do Rio não tinha autoridade, que ele pagou proteção dizendo que o Brasil era uma República de Banana, justificando-se, nessa parte, que o fez com interrogação. Foi o suficiente para que o meu amigo governador Marcello Alencar ficasse irritado e determinasse firme: “Quero a prisão de Marcinho VP”.

O episódio Michael Jackson encheu o vazio da ausência de notícias e só teve contraponto no outro clipe da Comissão da Previdência com as idas e

vindas, renúncias e protestos e algumas palavras e palavões.

São Paulo, que não quer perder para o Rio, também entrou na onda de cineastas americanos em busca de filmar a miséria no Brasil. Só que lá, como é mais industrializado, o astro foi de segunda grandeza, um tal sr. John Stagliano, Mr. Batman, premiado em filmes pornográficos, que foi fazer um, também numa favela pobre do centro de São Paulo, com mulheres chorando entre prazeres e desgraças. A diferença maior entre o Rio e São Paulo é que no Rio as meninas de 15 anos choravam de alegria na tietagem do Michael e, em São Paulo, o filme é proibido a menores de 18 anos. Estas cenas de um e de outro vão rolar pelo mundo, tudo pelos pobres do Brasil.

Realmente eu nada tenho contra os cliques. Eu só acho é que antes de essa gente pensar nos nossos pobres com essa imensidão de dinheiro que nos assusta, num pequeno filme e de três minutos, nós devíamos antes, nós mesmos, contratar os Mamonas Assassinas e deixarmos eles badalarem pelo Brasil inteiro aquilo que o Michael Jackson e Stagliano descobriram: que tem pobres no Brasil. Sei que o ministro Serra não gosta dos Mamonas, mas se ele achar melhor poderemos contratar o Trio de Dodô e Osmar, ou o Chiclete com Banana.

Esta discussão, nesse nível, é muito importante, já que nesta ausência de debates sobre homens e idéias a pobreza passaria a ser uma luta entre cantores estrangeiros e nacionais. É uma maneira de dosarmos a abertura neoliberal com o nacionalismo *patropi*.

No mais, todos viajaram e deixaram um temporal nunca visto na Cidade Maravilhosa, fazendo as águas rola-rem com a antecedência de uma semana, quando é no tempo do carnaval que “as águas vão rolar”, sem desabamentos, se Deus quiser.

Então os pobres, tão sofridos, têm sua miséria mais sofrida ainda: fatu-ramento à custa de sua condição hu-mana.

José Sarney é presidente do Senado Federal